

# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



## Transformações do território e representações cartográficas: o Istmo de Olinda e Recife, Brasil

Renata Cabral - renatacabral@yahoo.com.br ; Virgínia Pontual - virginiapontual@gmail.com ;

Istmo, Olinda, cartografia, transformações territoriais

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, partiu-se do pressuposto que as representações cartográficas, diferentemente das representações fotográficas, aproximam-se mais da real configuração territorial, sendo menos suscetíveis a distorções/criações autorais. É essa aproximação, balizada pela complementação de fontes documentais, como os relatos dos viajantes, que interessou ao olhar dos historiadores da cidade e conservadores urbanos que se debruçaram sobre ela, descrevendo as transformações do Istmo de Olinda e Recife entre os séculos XVI e XX. O Istmo de Olinda e Recife era uma faixa de terra que ligava o porto do Recife à vila de Olinda, na Capitania de Pernambuco. Por ser importante lugar de defesa e de ligação, foi representado na cartografia produzida então. No mapa de 1609, "Perspectiva de Pernambuco como se mostra olhado do Mar desta villa até A Barretta", uma das primeiras representações cartográficas existentes, vê-se a entrada da Barra, entre as linhas de arrecifes (emergentes e submersas), o ancoradouro (indicado com o desenho de âncoras), a povoação do Recife, a vila de Olinda e o Istmo, pontuado apenas pelo Forte de São Jorge ou de Terra e pela Cruz do Patrão. A iconografia do século XVII é a mais abundante e rica, permitindo a observação do caráter essencialmente natural do Istmo e de sua importância do ponto de vista da defesa, indício trazido pelo desenho dos fortes. A carta de 1641 (1648) intitulada "de haven van Pharnambucq (1), Maritius Stad (2), Recif in (3) de Stad Olinda", de autoria de Cornelis Bastiaensz Golyath, tem o desenho de dois fortes a mais do que a carta de 1609: o forte do Brum e o forte do Buraco. Neste trabalho cartográfico, vê-se, em primeiro plano, toda a linha de arrecifes, sendo o trecho submerso representado por pontos. Na vila de Olinda, vê-se, ainda, o forte João de Albuquerque. Entre as vilas de Recife e Olinda, encontra-se o Istmo, fino e alongado no desenho, com sua forma delineada pelo contraste com a cor dada às águas do mar e do rio. Ele inicia-se na vila do Recife após a Porta da Terra, indo até a vila de Olinda. Além deste mapa, tem-se a perspectiva "Planta e plano da Villa de Santo Antonio do Recife Pernambuco" de 1759, de autoria do Padre José Caetano, e o "Plano da villa do Recife de Pernãbuco e parte da costa athe a ponta da cid. d'Olinda" de 1776, de autor não identificado.

# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



O estudo comparativo destas peças permite perceber as transformações no território e os significados conferidos ao Istmo. O “Plan of the Port of Pernambuco”, feito pelo viajante inglês Henry Koster, em 1816, mostra bem os diversos componentes do Istmo e do Porto do Recife, que permanecem como nos séculos passados. Bancos de areia, arrecifes, entrada no Porto, ancoradouros, fortificações e uma região de terras estéreis e desertas. As representações cartográficas são enriquecidas pelos relatos de viajantes como Henry Koster e Maria Graham, mostrando o crescimento da cidade dentro e fora de portas e os aterros, mantendo-se o Istmo como lugar de defesa e de ligação. Os grandes aterros deste século podem ser visualizados no “Atlas Histórico e Cartográfico do Recife” do Professor José Luiz da Mota Menezes, cujo mapa referencial foi o de Elisiário/Mamede, de 1856. Até 1906, data da “Planta da Cidade do Recife”, de autoria de Douglas Fox e H. Michell Whitley, vê-se que a península do Recife sofreu uma ocupação densa no trecho entre o antigo Arco do Bom Jesus e o Forte do Brum. Sabe-se que por volta de 1912 a 1915, o Istmo sofreu um rompimento pelas águas do mar, devido a alterações nas vagas marítimas. Estas foram provocadas pela construção do molhe de Olinda. Em planta provavelmente de autoria do engenheiro Alfredo Lisboa, aparece o projeto de construção do “enrocamento de proteção do Istmo de Olinda”, para cobrir as funções do trecho rompido. Posteriormente, foi elaborada uma perspectiva do Porto do Recife que indica a “ampliação prevista por Moraes Rego” e também o “ante-projeto da Base Naval do Recife”, ou seja, documentos iconográficos que mostram as transformações promovidas no Istmo com vista às obras de melhoramento do Porto do Recife. Com o rompimento do Istmo e a construção do canal de acesso, a península do Recife configurar-se-á exclusivamente em ilha. A partir do estudo das transformações do território tendo como fonte privilegiada de pesquisa peças cartográficas do século XVII ao XX, nas quais o Istmo é representado, foi possível constatar que, nos séculos XIX e XX, pouco permaneceu do Istmo dos séculos anteriores. Desde o século XVIII o Fora de Portas passa a ser ocupado e no século XIX ele sofre alargamento por aterros com a intensificação da ocupação. Porém, é no século XX que as transformações são mais significativas com o seu rompimento.